



O desequilíbrio em Boca-de-Forno

OMAR ABBUD

Na quinta-feira, da semana passada, o público brasileiro, que compareceu ao Auditório do MEC para assistir à mostra de filmes **Documentários Daqui e Daí**, pôde assistir ao mais novo filme de Pedro Jorge de Castro, documentarista e professor do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília.

Trata-se de **Boca-de-Forno**, um documentário que fala do desmatamento e, mais particularmente, do desequilíbrio ecológico. Segundo seu autor, este documentário não pretende encerrar o assunto ou tratá-lo a partir de um quadro de informações aprofundadas, mas sim colocar o problema de maneira simples e perguntar ao espectador: E agora?, a exemplo do que faz em outro filme seu, o **Brinquedo Popular do Nordeste**.

Feito para ser levado às salas de aula de 1º e 2º graus, sua proposta é, antes de tudo, a de envolver os alunos para um debate, com a discussão de um dos aspectos do desequilíbrio ecológico, o desmatamento. Segundo Pedro Jorge, como estrutura, **Boca-de-Forno** tem três movimentos. No primeiro, a natureza é apresentada de modo belo e como linguagem bucólica. O segundo momento do filme mostra a atuação do homem sobre a natureza, no caso do filme, através de um carvoeiro que garante a sua sobrevivência desmatando e produzindo, com as árvores derrubadas, carvão vegetal.

E justamente este o mote dramático do filme. Mesmo na busca de sua subsistência, o homem desenvolve práticas de modificação da natureza que comprometem a vida do planeta. O terceiro movimento do filme é o da indagação que se coloca, no momento em que se vê a queimada da lenha que não serve para carvão.

Pedro Jorge diz que seu filme não é intelectualizado e sim feito com uma linguagem direta e fácil, justamente para que o debate seja gerado em torno das idéias apresentadas. Isto lembra imediatamente Eisenstein, quando ele afirmou que linguagem hermética é sinônimo de reacionarismo, o que Pedro parece compreender bem, e tenta colocar em prática.

Também nesta mostra foram apresentados os demais filmes de Pedro Jorge, com exceção dos dois primeiros dessa cronologia, **Estudantes no Trabalho** e **Formas Geométricas**. O primeiro foi feito em 35mm, em Roma, no período de 67-68, que antecedeu as rebeliões estudantis, abordando justamente os primórdios dessa movimentação dos es-

tudantes que se espalhou pelo mundo inteiro. As últimas tomadas desse filme foram feitas em março de 68. **Formas Geométricas**, por sua vez, foi feito para o Instituto de Meios Audiovisuais para Educação, de Portugal e mostra as formas geométricas na natureza, na arte e na tecnologia. Este filme foi realizado por Pedro Jorge em 16mm, por ser um filme para televisão.

Ainda na Europa, onde estudou a princípio Arquitetura e só depois se dedicou ao curso de cinema, na Universidade de Roma, Pedro Jorge iniciou um filme que ficou incompleto sobre o artesanato do ouro, em Toledo, na Espanha. Em 75, já no Brasil, fez a direção de produção do documentário **Rendeiras do Nordeste**, de Ipojuca Pontes. Foi durante a realização desse filme, feito em 35mm, que Ipojuca ouviu de Pedro seu desejo de filmar **Chico da Silva**.

Ipojuca deu força a ele e Pedro inclusive guardou um bilhete de Ipojuca, contendo informações sobre preços e outros detalhes de produção do filme, no qual Ipojuca escreveu: "Fé em Deus, pé na tábua e não esqueça a condição nordestina". De fato, Pedro Jorge conta que o bilhete foi colado na capa da pasta que continha seu material de trabalho para as filmagens de **Chico da Silva**, como um amuleto, que acabou dando certo. Este documentário sobre a vida do pintor brasileiro lhe valeu o prêmio de Melhor Filme, na categoria Artes Plásticas, na 1ª Mostra Nacional de Filme Documentário.

Depois de **Chico da Silva**, veio **Brinquedo Popular do Nordeste**, feito em 75, para o Centro Nacional de Referência Cultural, visando levantar a questão do significado do brinquedo popular na cultura nordestina. Este filme ganhou o X Festival de Cinema de Brasília, e recentemente participou do II Festival de Filmes do Terceiro Mundo, em Los Angeles, e do 40º Festival Internacional de Teatro de Bonecos, em Washington, representando o Brasil, que participou pela primeira vez deste evento.

Aliás, a respeito de **Brinquedo Popular do Nordeste**, Pedro Jorge conta que, há duas semanas atrás, esteve aqui em Brasília, a Presidente da Católica Internacional de Filmes, e que durante uma projeção de filmes na CNBB, "fiquei surpreso quando ela me disse que a Embrafilme havia colocado o **Brinquedo Popular** entre o que de melhor havia em termos de documentários numa seleção, de filmes brasileiros,

que foram exibidos para ela. Apesar desse recibo que acabou de passar, para a Embrafilme, quero deixar claro que nunca filmei um metro de filme com o dinheiro dela".

Uma das maiores emoções de Pedro Jorge foi exatamente esse filme. Ele acabou de ser montado e entregue ao laboratório para ser copiado no último dia de inscrição para o Festival de Brasília. A cópia ficou pronta no limite de prazo para entrega a organização do Festival, e Pedro Jorge conta que acabou não vendo a cópia.

"Ah, eu fui ver o filme pela primeira vez, junto com o público, na exibição do Festival. O público estava todo em silêncio e eu não sabia se por desagrado ou por estar atento ao filme. Só se manifestaram no final e eu me desmontei na poltrona. Foi uma emoção incriável".

Depois veio **Em Memória de Dona Maria I**, um filme em que Pedro Jorge estabelece uma relação entre o alvará de Dona Maria que proibiu, a 5 de janeiro de 1785, o funcionamento de todas as fábricas de lã, linho, seda, ouro e prata do Brasil, atirando os que trabalhavam nestas atividades à marginalidade, em nome de interesses da Inglaterra, e uma fazenda dos arredores de Brasília, onde são encontrados todos os ciclos econômicos do Brasil, a pecuária a cana, o café e dois ciclos de subsistência do Nordeste, algodão e mandioca, resultado desse legado de miséria em que se vive, até hoje, no Brasil.

É exatamente essa miséria que ele mostra no filme, com os moradores que sobrevivem tirando o leite de 3 ou 4 vacas, fazendo a sua própria farinha de mandioca e o dono do engenho movido por bois, tocando a moenda, se benzendo e cantando o **Bendito**, em agradecimento pela nova safra de cana.

"As pessoas que vivem nessa fazenda e foram os atores do filme, representando o povo brasileiro, estão posando ao final, diante da casa da fazenda. Essa cena" conta Pedro Jorge - "se transforma numa foto antiga, presa por cantoneiras a página do álbum numa tentativa de dizer, que é assim, como povo, que passamos à história".

Desse modo, retratando a realidade que o cerca e o preocupa, é que Pedro Jorge vai se afirmando como documentarista sensível e participante, na tentativa de modificar a realidade, para que a foto da cena final de **Em Memória de Dona Maria I** possa se apagar da nossa lembrança.